

## Charles Dickens O sinaleiro

---

— ALOOÔ! AÍ EMBAIXO!

*Quando ouviu a voz gritar para ele, o sinaleiro estava à porta do posto, segurando uma bandeirola enrolada em sua haste curta. Considerando-se a natureza do terreno, não se imaginaria que o homem pudesse duvidar da direção da voz; entretanto, em vez de erguer os olhos para o alto do corte íngreme quase sobre sua cabeça, onde eu me encontrava, deu meia-volta e observou os trilhos. Havia algo fora do comum no modo como o fez, embora eu não conseguisse defini-lo nem se minha vida dependesse disso. Mas foi marcante o suficiente para chamar a atenção, embora a figura do homem estivesse diminuída e sombreada na trincheira profunda, e eu, bem acima dele, tão embebido pelo fulgor do raivoso pôr-do-sol que protegera os olhos com a mão antes mesmo de avistá-lo.*

— ALOOÔ! AÍ EMBAIXO!

*Após olhar os trilhos, ele deu meia-volta de novo e, erguendo os olhos, me viu lá no alto.*

— *Existe algum caminho por onde eu possa descer e falar com o senhor?*

*Ele continuou me encarando sem responder e eu continuei fixando-o lá embaixo, sem pressioná-lo com a repetição de minha pergunta frívola. Neste exato momento senti uma vaga vibração na terra e no ar, transmutando-se rapidamente numa violenta pulsação, e um jorro repentino avançou até mim e me fez recuar rapidamente, como se aquilo pudesse arrastar-me para baixo. Depois que o vapor do trem veloz chegou a minha altura e passou por mim, disseminando-se à distância através da paisagem, olhei de novo para o homem lá embaixo e o vi enrolando a*

*bandeirola que exibira enquanto o trem passava.*

*Repeti minha pergunta. Depois de uma pausa em que pareceu olhar-me fixamente, ele apontou com a bandeirola enrolada para um ponto situado no nível de terreno onde eu me encontrava, a uns duzentos ou trezentos metros de distância. "Está bem!", gritei para ele, e fui me dirigindo para lá. Só depois de muito esquadrihar a minha volta, descobri um caminho descendente aberto num irregular ziguezague. Desci por ele.*

*O corte do terreno era extremamente profundo, caindo a pique de modo inesperado; feito numa rocha úmida e escorregadia, tornava-se mais viscoso e molhado à medida que eu avançava. Por esses motivos, o caminho me pareceu longo o bastante para que eu lembrasse o estranho ar de relutância ou compulsão com que fora indicado.*

*Quando desci pelo ziguezague o suficiente para avistar de novo o sinaleiro, vi-o em pé entre os trilhos por onde o trem acabara de passar, como se estivesse esperando eu aparecer. Com a mão esquerda no queixo, o cotovelo esquerdo descansando na mão direita e o antebraço cruzando-lhe o peito, sua atitude era de tal expectativa e vigilância que parei um instante, pensativo.*

*Retomei a descida, chegando finalmente ao nível da estrada de ferro. Ao me aproximar do homem notei que era sombrio, amarelado, com uma barba escura e sobrancelhas espessas. Eu jamais vira local tão solitário e lúgubre como aquele em que seu posto se situava. Nos dois lados, um muro de pedras agudas e desiguais pingando umidade excluía qualquer vista, exceto uma faixa do céu; de um lado, a perspectiva era apenas um prolongamento torto dessa grande masmorra; a perspectiva na outra direção, mais curta, terminava numa sinistra luz vermelha, e a entrada ainda mais sinistra de um túnel negro cuja arquitetura maciça transmitia um ar bárbaro, deprimente e repulsivo. O*

*sol alcançava tão pouco esse local que se exalava dele um cheiro terroso, morto, e um corredor de vento gelado soprava tão forte ali que fui percorrido por um calafrio, como se tivesse deixado o mundo natural.*

*Antes que o homem se movesse, aproximei-me dele o bastante para tê-lo tocado. Sem tirar os olhos de mim por um segundo, ele recuou um passo e ergueu a mão.*

*Como eu já disse, ocupar tal posto era uma tarefa solitária, e isso chamara a minha atenção quando o divisei lá de cima, à distância. Qualquer visitante devia ser uma raridade ali, imaginei; esperava não ser uma raridade indesejada. O sinaleiro via em mim apenas alguém confinado a limites estreitos a vida toda e que, finalmente livre, sentira seu interesse despertado por aquelas grandes obras. Com tal objetivo me dirigira a ele; contudo, estou longe de ter certeza sobre os termos que usei, pois além de não me sentir confortável iniciando uma conversa, havia algo no homem que me intimidava. Ele olhou de um modo bastante estranho para a luz vermelha próxima à boca do túnel, investigando tudo à volta dela, como se desse por falta de algo.*

*A seguir, fitou-me de novo.*

*— Também ficava encarregado daquela luz, não?*

*Respondeu em voz baixa:*

*— O senhor não sabe que fico?*

*Então, enquanto eu esquadrihava seus olhos fixos e o rosto saturnino, um pensamento monstruoso me ocorreu: o de que tinha diante de mim um espírito e não um homem. A partir dali cogitei se ele não teria um desequilíbrio mental.*

*Recuei um passo. Ao fazer isso, no entanto, detectei em seus olhos um certo medo latente de mim. Isso pôs em fuga o pensamento monstruoso.*

— O senhor me olha como se tivesse pavor de mim — disse eu, forçando um sorriso.

— Estava em dúvida se já o tinha visto antes — respondeu.

— Onde?

Apontou a luz vermelha na boca do túnel.

— Lá? — disse eu.

— Sim — disse ele (mas sem emitir som), vigiando-me atentamente.

— Meu bom amigo, o que faria eu lá? Seja como for, pode ter certeza de que nunca estive naquele lugar.

— Acho que posso — disse ele. — É, com certeza, posso.

Então ficou mais tranqüilo, assim como eu. Respondeu prontamente as minhas observações, e com palavras bem escolhidas. Tinha muito a fazer ali?

Sim; isto é, tinha bastante responsabilidade, que lhe exigia exatidão e vigilância; mas quanto ao trabalho efetivo — trabalho braçal — era quase nenhum. Mudar o sinal, ajustar aquelas luzes e manobrar essa manivela de ferro de vez em quando era tudo o que tinha a fazer em termos de trabalho manual. Quanto às longas e solitárias horas que eu parecia encarar como uma grande carga, ele só podia dizer que a rotina de sua vida modelara-se dessa forma, e já se acostumara com ela. Aprendera sozinho uma língua ali embaixo — se é que conhecê-la superficialmente e esboçar idéias próprias e cruas de sua pronúncia podia ser chamado de aprendizado. Também trabalhara com frações e decimais, e tentara um pouco de álgebra, mas desde garoto fora fraco em números. Quando em serviço, precisava ficar sempre naquele canal de ar úmido, sem nunca subir e receber um pouco de sol entre os altos muros de pedra? Ora, isso dependia das épocas e circunstâncias. Sob determinadas condições havia menos movimento na linha férrea, o

*mesmo valendo para certas horas do dia e da noite. Com tempo bom, escolhia momentos para subir um pouco além daquelas sombras inferiores; mas como podia ser chamado pelo sino elétrico a qualquer instante, e como ficar atento a ele redobrava sua ansiedade, o benefício era menor do que eu poderia supor.*

*Levou-me a seu posto, onde havia um fogo aceso, a mesa com um livro oficial onde tinha que fazer certas anotações, um instrumento telegráfico com seu mostrador e ponteiros, e o pequeno sino que mencionara. Quando me desculpei por observar que sua instrução era boa e, acrescentei — esperava poder dizê-lo sem ofensa —, talvez mais de que seu cargo pedia, ele replicou que leves discrepâncias desse tipo geralmente estavam presentes em grandes grupos de homens; que tinha conhecimento da ocorrência disso em fábricas, na força policial e até mesmo naquele último e desesperado recurso, o exército; e que sabia ser mais ou menos assim na equipe de qualquer grande estrada de ferro. Quando jovem (se é que eu podia acreditar nisso, vendo-o naquela cabana; ele mal o conseguia), havia estudado filosofia da natureza e freqüentara palestras; mas vivera desregradamente, desperdiçara as oportunidades, decaíra e jamais se erguera de novo. Não tinha nenhuma queixa a fazer. Fizera a cama e deitara nela. Era tarde demais para fazer outra.*

*Tudo o que condensei aqui foi dito por ele de modo tranqüilo, com graves olhares escuros divididos entre mim e o fogo. Lançava na conversa a palavra "senhor" de vez em quando, especialmente ao referir-se a sua juventude — como se me pedisse para entender que não reivindicava nada senão o que eu descobria nele. Por diversas vezes foi interrompido pelo sino, e precisou ler as mensagens e enviar respostas. Outra vez teve que permanecer fora do posto, exibir uma bandeirola enquanto um trem passava e comunicar-se verbalmente com o maquinista. No*

*desempenho de seus deveres, observei que era extraordinariamente atento e preciso, interrompendo uma palavra ao meio e ficando em silêncio até terminar o que tinha que ser executado.*

*Em suma, eu teria apontado esse homem como um dos mais seguros a desempenhar-se de suas funções se, ao falar comigo, ele não tivesse por duas vezes empalidecido, virado o rosto para o sino quando ele NÃO estava tocando, aberto a porta do abrigo (fechada para que não entrasse o ar insalubre), e olhado a luz vermelha lá fora junto à boca do túnel. Nessas duas ocasiões, ele voltara para junto do fogo com a expressão singular que eu notara sem conseguir definir quando estávamos à distância um do outro.*

*— Estou quase achando que encontrei um homem satisfeito — disse eu, ao me levantar para ir embora.*

*(Devo confessar que disse isso para incentivá-lo a falar.)*

*— Costumava sê-lo — retorquiu com a voz baixa que usara inicialmente.*

*— Mas ando perturbado, sabe? Bem perturbado.*

*Ele poderia ter repetido cada palavra, se precisasse. De qualquer forma, ele já tinha falado, e lhe perguntei prontamente:*

*— Com o quê? Qual é o problema?*

*— É muito difícil transmitir isso. É muito, muito difícil falar a respeito. Se o senhor me visitar de novo algum dia, tento lhe contar.*

*— Mas não há dúvida que pretendo visitá-lo outra vez. Quando pode ser?*

*— Saio bem cedo e estou de volta amanhã às dez da noite.*

*— Então venho às onze.*

*Ele me agradeceu, acompanhando-me até o lado de fora.*

*— Vou sinalizar com a luz branca — disse em sua peculiar voz baixa — até o senhor encontrar o caminho da subida. Quando encontrá-lo, não grite! E*

*quando estiver lá no alto, não grite!*

*Sua atitude fez o lugar me parecer ainda mais frio, mas respondi apenas  
que não o faria.*

*— E quando descer amanhã à noite, mais uma vez não grite. Vou lhe fazer  
uma última pergunta: por que gritou hoje, "Alooô! Aí embaixo!"?*

*— Só Deus sabe — disse eu. — Realmente, gritei algo assim...*

*— Algo assim não. O senhor disse exatamente isso. Lembro bem das  
palavras.*

*— É verdade, as palavras foram essas. Eu as disse sem dúvida porque o vi  
lá embaixo.*

*— Não teve outro motivo?*

*— Que outro motivo eu poderia ter?*

*— Não senti que lhe foram transmitidas de um modo sobrenatural?*

*— Não.*

*Ele me deu boa-noite e ergueu a lanterna. Andei ao lado dos trilhos (com a  
sensação bem desagradável de que um trem vinha chegando por trás de mim)  
até descobrir o caminho. Era mais fácil subir por ali do que descer, e voltei ao  
hotel sem qualquer novidade.*

*Chegando pontualmente para a minha visita na noite seguinte, pisei no  
ziguezague quando relógios distantes batiam onze horas. O sinaleiro esperava  
por mim lá embaixo, com a luz branca acesa.*

*— Não gritei — disse eu, ao me aproximar. — Posso falar agora?*

*— À vontade, senhor.*

*— Então boa-noite — disse eu, estendendo a mão.*

*— Boa-noite. — Ele me cumprimentou e andamos lado a lado até o seu  
posto onde, depois de fechar a porta, sentamo-nos junto ao fogo.*

— Cheguei à conclusão — começou ele quase num sussurro, inclinandose para a frente — de que não precisa me perguntar de novo qual é o meu problema. Ontem à noite, eu confundi o senhor com outra pessoa. Esse é o meu problema.

— Esse engano?

— Não. Essa outra pessoa.

— Quem é?

— Não sei.

— Parece comigo?

— Não sei. Nunca vi seu rosto. Ela o cobre com o braço esquerdo e com o direito acena freneticamente. Assim.

Com os olhos, acompanhei seus gestos e o vi gesticulando com o máximo de paixão e veemência: "Pelo amor de Deus, saia do caminho!"

— Numa noite de luar — disse o homem — estava sentado aqui quando ouvi um grito. "Alooô! Aí embaixo!" Num sobressalto, olhei daquela porta e vi aquela outra pessoa em pé junto à luz vermelha perto do túnel, acenando como lhe mostrei agora. A voz parecia rouca de gritar mas continuava: "Cuidado! Cuidado! Olha aí! Olha aí!" E a seguir: "Alooô! Aí embaixo! Cuidado!" Pus minha lanterna no vermelho e corri em direção à figura, gritando: "O que houve? O que aconteceu? Onde?" A criatura mantinha-se imóvel quase à boca escura do túnel. Então cheguei tão perto dela que me perguntei por que continuava a cobrir os olhos

com a manga. Eu já estendia a mão para afastar seu braço do rosto quando a figura desapareceu.

— Dentro do túnel?

— Não. Corri uns quinhentos metros túnel adentro. Então parei, levantei a



*lanterna bem alto e vi figuras a uma certa distância, assim como as manchas molhadas escorrendo furtivamente pelas paredes e pingando da estrutura curva. Diante disso corri ainda mais rápido (pois o lugar me causava uma repugnância mortal), esquadrinhei em torno da luz vermelha com minha própria lanterna, subi a escada de ferro até o alto da galeria lá em cima; desci de novo, e finalmente corri de volta para cá. Telegrafei nas duas direções. "Foi dado um alarme. Aconteceu alguma coisa?" Das duas direções veio a resposta: "Está tudo bem."*

*Resistindo ao lento toque de um dedo gelado me subindo a espinha, ponderei com o sinaleiro que a figura devia ser um engano de visão; e que tais figuras, originando-se de alguma afecção dos nervos delicados gerindo as funções do olho, haviam freqüentemente sido relatadas por pacientes com tal desordem, sendo que alguns destes, conhecedores da natureza dessa aflição, a tinham comprovado por experiência própria.*

*— Quanto a um grito imaginário — acrescentei —, simplesmente ouça por um momento o vento nesse vale fora do comum enquanto falamos tão baixo, e a harpa alucinada em que ele transforma os fios do telégrafo.*

*Tudo isso estava muito bem, replicou o homem, após ficarmos à escuta durante um tempo; ele conhecia o som do vento e dos fios, já que com tanta freqüência passava ali longas noites de inverno, solitário e vigilante. Mas me pediu para observar que ainda não terminara.*

*Então desculpei-me e o sinaleiro, tocando-me o braço, lentamente continuou:*

*— Umás seis horas depois da aparição, ocorreu o memorável acidente nesses trilhos, e em cerca de dez horas os mortos e feridos foram trazidos através do túnel até o local onde a figura estivera.*

*Um desagradável tremor me percorreu, mas fiz o máximo para resistir a ele. Não se podia negar que a coincidência era extraordinária, profundamente calculada para impressionar sua mente, retruquei. Contudo, era inquestionável que coincidências extraordinárias ocorriam com frequência, e tinham que ser levadas em conta ao se lidar com o assunto. Embora deva admitir, acrescentei*  
*(achando que ele ia fazer tal objeção),*  
*homens de bom senso não dariam muito espaço para coincidências ao analisar os aspectos comuns da vida.*

*Mais uma vez pediu-me para observar que não terminara.*

*Mais uma vez desculpei-me por interpretá-lo precipitadamente, e por minhas interrupções.*

*— Isso aconteceu há um ano — disse ele, pondo novamente a mão no meu braço e dando uma espiada por cima do ombro com olhos vazios. — Seis ou sete meses tinham passado, e eu me recobrava da surpresa e do choque quando, certa manhã, com o dia nascendo, eu estava à porta e, ao olhar para a luz vermelha, vi o espectro de novo. — O sinaleiro se deteve, o olhar fixo em mim.*

*— Ele gritou?*

*— Não. Ficou em silêncio.*

*— Fez movimentos com o braço?*

*— Não. Estava apoiado na haste da lâmpada, com as duas mãos no rosto.*

*Assim.*

*Mais uma vez acompanhei seus movimentos com os olhos. Era uma atitude de dor. Já vira expressões assim nas figuras de pedra adornando túmulos.*

*— O senhor foi até ele?*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

